



KOUDELA, Ingrid Dormien

Alegorias Pantagruélicas São Paulo, ECA/USP Docente do programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

O presente projeto foi realizado na UNISO- Universidade de Sorocaba- SP (2012) no Curso de Licenciatura em Teatro. François Rabelais trabalha com a lenda e a alegoria. Esta abordagem histórica trazida pela obra de arte traz um novo olhar para a compreensão dos gestos daquele homem quinhentista, aproximando o que era distante no tempo. A obra de arte informou a construção de gestos nas performances realizadas pelo coro formado pelos alunos; jogo teatrais, texto e imagem alegórica.

This project was done at UNISO- University of Sorocaba- SP (2012) in a Theater Pedagogy course. François Rabelais works with the legend and allegory. The historical approach brought by the work of art appears as a new look to understand the gestures of that ancient men approaching that what was distant in time. The work of art informed the construction of gestures in the performances done by the chorus formed by the students; Theater games; allegoric text and image.

O vocabulário da praça pública impede ainda hoje que se represente Rabelais no teatro, embora não exista nenhum escritor que se preste mais a isso do que ele, segundo Mikhail Bakhtin. O teórico russo, que foi guia no desvendamento do universo rabelaisiano se refere à representação na casa de espetáculos do edifício teatral. Quem diria, um texto como esse ser representado por alunos atores que estão se formando como professores de teatro?

O presente projeto de encenação foi realizado na UNISO – Universidade de Sorocaba, no primeiro semestre de 2012, dentro da grade curricular do Curso de Licenciatura em Teatro, que contava com quarenta e oito alunos.

No percurso da experimentação com fragmentos do texto que tinham como tema "Casar ou não casar-se?" várias revelações aproximaram aquele universo distante. Rabelais invoca o tempo histórico do século XV através da literatura, do romance, no qual opera com a lenda e a alegoria. A invocação da história através da obra de arte nos trouxe um novo olhar na leitura dos gestos daquele homem quinhentista, aproximando aquilo que era distante no tempo. A obra de arte informou a construção do gesto nas leituras performáticas realizadas pelos quatro coros formados pelos alunos da disciplina Encenação Teatral.

Deve ser ressaltada aqui a oralidade latente no texto rabelaisiano. No processo de apropriação dos fragmentos a linguagem literária cedeu lugar à construção do texto cênico (Pavis, 1999) embebido que já estava pelo vocabulário da praça pública.

Os fragmentos foram selecionados com a árdua tarefa de fazer os recortes e muitos cortes em mais de mil páginas do romance GARGANTUA E PANTAGRUEL (Rabelais, 2009). Os alunos-atores trabalharam com fragmentos do segundo livro – Pantagruel.

Costuma-se assinalar a predominância excepcional que tem na obra de Rabelais o princípio da vida material e corporal: imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação das necessidades naturais e da vida sexual. De acordo com Bakhtin (Bakhtin, 2010):

*No realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular) o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolivelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo. No realismo grotesco, o elemento material e corporal é um princípio profundamente positivo, que nem aparece sob uma forma egoísta, nem separado dos demais aspectos da vida. O princípio material e corporal é percebido como universal e popular e como tal opõe-se a toda separação das raízes materiais e corporais do mundo, a todo isolamento e confinamento em si mesmo, a todo caráter ideal abstrato, a toda pretensão de significação destacada e independente da terra e do corpo. O corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal. Não se trata do corpo e da fisiologia no sentido restrito e determinado que possuem em nossa época; ainda não estão completamente singularizados nem separados do resto do mundo.*

A sibila de Panzoust mostra o seu traseiro a Panurgio e a seus companheiros. Esse gesto ritual sobreviveu até a nossa época. É um dos gestos de rebaixamento mais espalhados no mundo inteiro.

A participação do professor e artista Jaime Pinheiro que leciona a disciplina Cenografia permitiu que a colaboração da visualidade para o espetáculo teatral residisse na materialização do universo simbólica. Rica em imagens e ainda abstrata, a literatura encontra na linguagem visual um novo veio de expressão. Teatro é espaço/lugar, cenografia, figurino, iluminação, maquiagem, entre outros.

O gesto teatral é temporal, como a música. Ele pode apenas invocar universos simbólicos durante a sua duração no tempo. O teatro é arte efêmera. A linguagem visual implica em tornar material. E este ato da materialização é pedagógico, ao favorecer o processo de elaboração simbólico, aprofundando a cena teatral. As diferentes linguagens artísticas (Música, Artes Visuais, Dança, Literatura) foram experimentadas através de procedimentos de leitura da obra de arte, levando à construção da encenação teatral.

Fragmentos de texto e jogo teatral constituíram, ao lado do exercício de leitura de imagem, a metodologia do processo pedagógico. Resulta daí uma encenação na qual a atuação em coro foi radicalizada como princípio a unir o coletivo. Lembro-me do dia em que começamos a desenhar o trajeto do espetáculo itinerante, já que as cadeiras da plateia do auditório não mais podiam ser movidas do lugar e o palco não comportava os quarenta e oito

atores. Aqui e ali nascia naquele dia a dramaturgia colaborativa com os primeiros esboços de cenas. O trajeto até o quinto andar de outro bloco na cidade universitária nos havia sido oferecido como espaço alternativo. E como caminho se faz ao caminhar, encontramos na própria caminhada espaços e lugares teatrais como árvores, carroças, guarda-sóis, o céu, passarelas, rampas, escadarias, espelhos gigantes nas paredes dos prédios da universidade, colinas e florestas, nuvens e tucanos, alturas, vertigens...

E gostaria de repetir com Bakhtin (Bakhtin, 2010) ... *cada um dos atos da história mundial foi acompanhado pelos risos do coro. Mas nem todas as épocas tiveram um corifeu da envergadura de Rabelais. E, embora ele tenha sido o corifeu do coro popular do Renascimento, revelou com tal plenitude a língua original e difícil do povo que a sua obra ilumina a cultura popular das outras épocas.*

A questão do ensinamento através da alegoria vem sendo trabalhada por mim nos últimos anos (2006-2012) enfocando a obra de arte como *modelo de ação* (Koudela, 2010). A questão da alegoria como modelo tem em vista a leitura de imagens e textos que tragam a polissemia (Bakhtin, 2010) como princípio a estabelecer uma relação dialógica entre professor/aluno e com a obra de arte. A imagem alegórica provoca um jogo com o espectador, mobilizando símbolos e percepções sensoriais que levam ao desvelamento do que está oculto. Este jogo de descobertas mobiliza o olhar para a realidade figurada.

Neste sentido foram trabalhadas imagens como *Brincadeiras de Criança* de Peter Brueghel; *Peixes Grandes comem Peixes Pequenos* que partiu de modelos como Brueghel, Brecht e o Padre Antonio Vieira; *A Ferida Woyzeck* a partir da peça de Georg Büchner; *Histórias do Sr. Keuner* histórias curtas de Brecht e *Alegorias Pantagruelicas* a partir da narrativa de François Rabelais. Através destes modelos o ensinamento é trazido de forma a instaurar um processo dialético propiciando que o grupo que participa da encenação elabore a sua leitura da obra de arte e construa o universo simbólico da cena. Vários modos de encenação foram trabalhados nestes últimos anos, desde a cena em palco italiano até espetáculos itinerantes e performances nascidas no jogo teatral, sendo privilegiados textos e imagens narrativas.

De acordo com Miedema (Miedema, 2011) ler em voz alta uns para os outros é um ato de intimidade. Miedema propõe a leitura lenta, na qual prevalecem princípios como intimidade, simplicidade, lentidão, escuta e silêncio. A partir das sugestões de Miedema, estabelecemos no processo de encenação os direitos dos leitores/atuantes durante o processo de encenação, registrado em protocolos, como por exemplo, o direito de pular páginas, o direito de reler; o direito de ler um qualquer lugar; o direito de ler uma frase aqui e outra ali; o direito de se calar. O respeito ao tempo do ato de ler trouxe a dimensão física, sonora e corporal do texto, acentuando a materialidade da palavra. Nasceram desta metodologia de leitura vários recortes do texto que operaram como

fragmentos para o jogo com o texto na mão e a construção gestual das alegorias.

Procedimento de avaliação privilegiado, o protocolo serviu como registro do processo e articulação de questões nascidas da relação entre teoria e prática. Avaliação não é nota! Escritos semanalmente pelos alunos, os protocolos eram lidos em roda na aula subsequente, em forma de roda de conversa, trazendo a voz dos atuantes. Trago um exemplo, escrito por Ana Carolina Paiffer Dias:

*Montado o tablado de tatames caminhamos pelo espaço! E rolamos no chão de tatames como se fossemos bebês! Casamento? Eu sou contra! Eu sou a favor! E não sei se caso ou se compro uma bicicleta! Pantagruel comeu as tetas e o intestino da vaca e a teria comido por inteiro se não a tivessem tirado de suas mãos!*

*Beeeeeeeeeeeeeh, Fabricio e o som de sua vaca! Meu coro ficou sendo o C, meu texto "De como Pantagruel adoeceu e o modo como se curou"*

*Idéias, ideias, ideias... enfiou o dedo no olho do cú! Espanto de todos! Terei mesmo de fazer isso? Voltando à nossa cena... água em penicos, macacão, barbante, vulva, ARROTOOOOO!*

*E a feiticeira... e casa ou não casa?*

*"O mundo pretende e denota que sereis casado, corneado, espancado e furtado. E vos podeis acreditar que jamais homem teve, em mulher e em cavalos, o que vos está predestinado" disse Pantagruel.*

Fragmentos de texto do romance e cenas construídas pelos alunos através do espetáculo itinerante acentuaram a importância da encenação como prática pedagógica. Se o processo é revelador e o produto seu resultado, inicia-se uma nova etapa processual através das apresentações para uma plateia estranha ao grupo cuja recepção é um importante fator de aprendizagem do teatro.

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento SP: Hucitec, 2010.

KOUDELA, Ingrid D. Texto e Jogo SP: Perspectiva, 2010.

MIEDEMA, John Slow Reading- Os Benefícios e o prazer da leitura sem pressa SP: Octavo, 2011.

RABELAIS, François Gargantua e Pantagruel BH: Editora Itatiaia, 2009.